

*NICHOLAS SPARKS*

*UMA VIDA  
AO TEU LADO*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*MÁRIO DIAS CORREIA*

ASA



*INÍCIO DE FEVEREIRO DE 2011**Ira*

Por vezes, penso que sou o último da minha espécie. Chamo-me Ira Levinson. Sou sulista e judeu, e igualmente orgulhoso por me terem chamado ambas as coisas numa ou noutra altura da minha vida. Sou velho. Nasci em 1920, o ano em que o álcool foi ilegalizado e as mulheres passaram a ter direito de voto, e muitas vezes me pergunto se terá sido por isso que a minha vida foi o que foi. Ao fim e ao cabo, nunca fui de beber e a mulher com quem me casei fez fila para votar em Roosevelt logo que teve idade para isso, pelo que seria muito fácil imaginar que o ano em que nasci determinou de alguma maneira ambas as coisas, e tudo o mais que aconteceu.

O meu pai teria troçado da ideia. Era um homem que acreditava em regras. «Ira», dizia-me ele quando eu era novo e trabalhava na camisaria-alfaiataria da família, «deixa-me dizer-te uma coisa que nunca deves fazer.» E então dizia-me. As suas *Regras de Vida*, como lhes chamava, e eu cresci a ouvir as regras do meu pai a respeito de tudo e mais alguma coisa. Algumas das coisas que me dizia eram preceitos de natureza moral, enraizados nos ensinamentos do Talmude, e eram muito provavelmente as mesmas que a maior parte dos pais ensinava aos filhos. Diziam-me que nunca

devia mentir ou enganar ou roubar, por exemplo, mas ele – que na altura chamava a si mesmo um judeu ocasional – tinha muito mais tendência a focar-se nos aspetos práticos. Quando estiver a chover, nunca saias à rua sem chapéu, dizia-me. Nunca toques num bico de fogão, porque pode estar ainda quente. Fui avisado de que nunca devia contar em público o dinheiro que tinha na carteira, nem comprar joias a um homem na rua, por muito bom que o negócio pudesse parecer. E não acabavam, aqueles *nuncas*, mas, apesar da sua natureza aleatória, dei por mim a seguir quase todos, talvez porque nunca quis desapontar o meu pai. Ainda hoje, a voz dele me segue para todo o lado nesta que é a mais longa de todas as viagens, esta coisa chamada vida.

Do mesmo modo, dizia-me muitas vezes o que *devia* fazer. Esperava honestidade e integridade em todos os aspetos da vida, mas também me dizia que eu devia segurar a porta para deixar passar senhoras e crianças, ter um aperto de mão firme, lembrar-me dos nomes das pessoas e dar sempre ao cliente um pouco mais do que ele esperava. As suas regras, acabei por perceber, não só eram a base de uma filosofia que o tinha servido bem, como diziam tudo a respeito do homem que ele era. Porque acreditava em honestidade e integridade, pensava que toda a gente fazia o mesmo. Acreditava na decência humana e presumia que eram todos como ele. Acreditava que a maior parte das pessoas, podendo escolher, faria o que estava certo, mesmo que fosse difícil, e acreditava que o Bem triunfava quase sempre sobre o Mal. Mas não era um ingénuo. «Confia nas pessoas», dizia-me, «até elas te darem um motivo para não confiarem. E então não voltes a olhar para trás.»

Mais do que qualquer outra pessoa, foi o meu pai que fez de mim o homem que hoje sou.

Mas a guerra mudou-o. Ou melhor, o Holocausto mudou-o. Não a sua inteligência – fazia as palavras cruzadas do *New York Times* em dez minutos –, mas as suas convicções a respeito das pessoas. O mundo que julgava conhecer deixou de fazer sentido, e ele começou a mudar. Mas, por essa altura, tinha cinquenta

e muitos anos e, depois de me dar sociedade no negócio, passava muito pouco tempo na loja. Em vez disso, tornou-se judeu a tempo inteiro. Começou a frequentar regularmente a sinagoga com a minha mãe – já vos falo dela, mais adiante – e oferecia ajuda financeira a muitas causas judaicas. Recusava trabalhar ao Sabat. Acompanhava com interesse as notícias sobre a fundação do Estado de Israel – e a subsequente guerra com os árabes – e passou a ir a Jerusalém pelo menos uma vez por ano, como se procurasse qualquer coisa que nunca soubera que lhe faltara. À medida que o vi envelhecer, comecei a preocupar-me cada vez mais com aquelas viagens, mas ele dizia-me que era perfeitamente capaz de cuidar de si mesmo, e durante anos foi, de facto. Apesar da idade avançada, conservava um espírito tão lúcido e vivo como sempre. Infelizmente, o corpo não o acompanhava. Teve um ataque cardíaco aos noventa anos e, apesar de ter recuperado, um AVC, sete meses mais tarde, enfraqueceu-lhe muito o lado direito do corpo. Mesmo assim, insistia em desvencilhar-se sozinho. Recusou mudar-se para um lar, apesar de ter de usar um andarilho para se deslocar, e continuou a guiar não obstante todos os meus pedidos para que não o fizesse. «É perigoso», dizia-lhe, e ele limitava-se a encolher os ombros.

«Que queres que faça?», perguntava. «Se não for assim, como é que posso ir à loja?»

Morreu um mês antes de fazer cento e um anos, com a carta de condução ainda na carteira e umas palavras cruzadas resolvidas em cima da mesa de cabeceira. Foi uma vida longa, uma vida interessante, e, nestes últimos tempos, tenho dado muitas vezes por mim a pensar nele. Faz sentido, suponho, porque a verdade é que lhe segui os passos ao longo de todo o caminho. Tive sempre presentes as suas *Regras de Vida*, todas as manhãs, quando abria a loja, e na maneira como tratava as pessoas. Lembrava-me dos nomes delas e dava-lhes sempre um pouco mais do que era esperado, e ainda hoje levo o chapéu quando vou sair e o tempo ameaça chuva. Como o meu pai, tive um ataque cardíaco e agora caminho com um

andarilho, e apesar de nunca ter gostado de palavras cruzadas, o meu espírito parece tão lúcido e vivo como sempre. E, como o meu pai, fui demasiado teimoso para deixar de conduzir. Em retrospectiva, talvez tenha sido um erro. Se o tivesse feito, não estaria agora na situação em que me encontro: o carro fora da estrada e a meio caminho do fundo de uma íngreme ravina, a parte da frente toda amachucada depois do embate contra a árvore. E não estaria a fantasiar que vai aparecer alguém com um termos cheio de café e uma manta e um daqueles tronos portáteis que levavam os faraós de um lado para o outro. Porque, tanto quanto me parece, vai ser a única maneira de eu sair daqui com vida.

Estou num aperto, dos grandes. Para lá do para-brisas rachado, a neve que continua a cair esbate as formas, torna tudo confuso. Estou a sangrar da cabeça e as tonturas vêm em vagas. Tenho quase a certeza de que parti o braço direito. E a clavícula também. Sinto o ombro a latejar e o mais pequeno movimento provoca-me dores horríveis. Apesar do casaco, já tenho tanto frio que estou a tiritar.

Mentiria se dissesse que não tenho medo. Não quero morrer e, graças aos meus pais – a minha mãe morreu com noventa e seis anos –, há muito que parti do princípio de que era geneticamente capaz de chegar a mais velho do que já sou. Até há poucos meses, acreditava que ainda tinha meia dúzia de bons anos pela frente. Bem, talvez *bons* seja exagero. Não é assim que as coisas funcionam quando se tem a minha idade. Há já algum tempo que venho a desintegrar-me – coração, articulações, rins, peças e pedaços do meu corpo que começaram a entregar a alma ao Criador –, mas, recentemente, houve mais uma coisa que veio juntar-se à festa. Nódulos nos pulmões, disse o médico. Tumores. *Cancro*. O meu tempo mede-se agora em meses, não em anos... mas, mesmo assim, ainda não estou pronto para morrer. Não hoje, pelo menos. Há uma coisa que preciso de fazer, uma coisa que tenho feito todos os anos, desde 1956. Uma grande tradição está a chegar ao fim e, mais do que tudo, quero uma última oportunidade de dizer adeus.

Em todo o caso, é curioso aquilo em que um homem pensa quando julga a morte iminente. De uma coisa tenho a certeza, e é que, se chegou a minha vez, preferia não partir desta maneira: o corpo a tremer, a dentadura a bater, até que finalmente, inevitavelmente, o meu coração desista de uma vez por todas. Sei o que acontece quando uma pessoa morre – com a minha idade, já fui a tantos funerais, que lhes perdi a conta. Se pudesse escolher, preferia partir durante o sono, em casa e numa cama confortável. As pessoas que morrem assim ficam com bom aspeto, e é por isso que, se sentir a Velha Senhora tocar-me no ombro, já decidi tentar passar para o banco de trás. A última coisa que quero é que alguém me encontre aqui, congelado numa posição sentada, como uma escultura de gelo bizarra. Como conseguiriam tirar o meu corpo do carro? Da maneira como estou entalado atrás do volante, seria como tentar fazer passar um piano pela porta da casa de banho. Imagino os bombeiros a partir o gelo e a abanarem o meu corpo para trás e para a frente e a dizerem coisas do género «Volta-lhe a cabeça para este lado, Steve», ou «Puxa os braços do velho para ali, Joe», enquanto tentam sacar o meu cadáver gelado do meio da sucata. A bater e a abanar, a puxar e a empurrar até que, com um último esforço conjunto, o meu corpo acaba por soltar-se e cair no chão. Para mim não, obrigado. Ainda tenho o meu orgulho. Por isso, como disse, se chegar a altura, vou fazer o possível por passar para o banco de trás, deitar-me e fechar os olhos. Desse modo, poderão puxar-me para fora como um douradinho de peixe.

Mas talvez não chegue a altura. Talvez alguém repare nas marcas de pneus na estrada, as que vão direitas à berma e à ravina. Talvez alguém pare e grite cá para baixo, talvez aponte uma lanterna e veja que está aqui um carro. Não é inconcebível; pode acontecer. Está a nevar e as pessoas conduzem devagar. Vão de certeza encontrar-me. Têm de me encontrar.

Não têm?

\*

Talvez não.

A neve continua a cair. A respiração sai-me da boca em pequenas baforadas de vapor, como se eu fosse um dragão, e o corpo começa a doer-me do frio. Mas podia ser pior. Como estava frio – ainda que não a nevar – quando saí, vesti-me para um dia de inverno. Tenho duas camisas, uma camisola, luvas e chapéu. Neste momento, o carro está inclinado, de nariz apontado para baixo. Continuo preso pelo cinto de segurança, que suporta o peso do meu corpo, mas tenho a cabeça apoiada no volante. O *airbag* abriu-se, espalhando pó branco e um cheiro acre a pólvora por todo o carro. Não é confortável, mas cá me vou aguentando.

Todo o meu corpo lateja. Acho que o *airbag* não funcionou como deve ser, porque bati com a cabeça no volante e perdi os sentidos. Durante quanto tempo, não sei. O golpe que tenho na cabeça continua a sangrar e os ossos do braço direito parecem querer furar a pele. Sinto a clavícula e o ombro a latejar e tenho medo de me mexer. Digo a mim mesmo que podia ser pior. Apesar da neve, não está um frio excessivo lá fora. Espera-se que as temperaturas desçam até aos sete ou oito graus negativos hoje, mas amanhã já devem ter voltado aos três ou quatro positivos. E também vai haver vento, com rajadas até trinta quilómetros por hora. Amanhã, domingo, o vento será ainda pior, mas lá para segunda-feira à noite o tempo vai começar pouco a pouco a melhorar. Por essa altura, a frente fria terá passado e quase não haverá vento. Na terça-feira, espera-se que a temperatura suba para os sete ou oito graus positivos.

Sei isto porque costumo ver o Weather Channel. É menos deprimente do que os noticiários, e eu acho interessante. Não é só sobre o tempo que vai fazer; tem documentários a respeito dos efeitos catastróficos de desastres meteorológicos passados. Vi um a respeito de umas pessoas que estavam na casa de banho quando um tornado arrancou a casa dos alicerces, e outro em que outras contavam como se tinham salvado depois de serem arrastadas por uma

enxurrada durante uma inundação. No Weather Channel, as pessoas sobrevivem sempre às catástrofes, porque só elas podem ser entrevistadas para o programa. Gosto de saber antecipadamente que a pessoa sobreviveu. O ano passado, vi uma história a respeito de um grupo que ia a caminho de casa na hora de ponta quando foi surpreendido por um nevão, em Chicago. A neve caiu tão depressa, que foi preciso fechar as estradas quando estavam ainda ocupadas. Durante oito horas, milhares de pessoas ficaram presas nos carros, sem poderem ir para parte nenhuma, enquanto as temperaturas caíam a pique. A história que vi focava-se em duas das pessoas que tinham sido apanhadas pelo nevão, mas o que mais me impressionou foi o facto de nenhuma delas parecer preparada para o mau tempo. Ambas tinham quase entrado em hipotermia enquanto a tempestade se desenrolava. Aquilo, tenho de o admitir, não fazia sentido para mim. Quem vive em Chicago sabe perfeitamente que neva com regularidade; os habitantes estão habituados aos nevões que por vezes vêm do Canadá, têm consciência de que faz frio. Como era possível não saberem estas coisas? Se eu vivesse num lugar assim, havia de pôr mantas térmicas, chapéus, um segundo casacão de inverno, proteções para os ouvidos, luvas, uma pá, uma lanterna, regalos para as mãos e garrafas de água no porta-bagagem do carro logo a seguir ao Halloween. Se vivesse em Chicago, podia ficar retido num nevão durante duas semanas antes de começar a preocupar-me.

O meu problema, porém, é que vivo na Carolina do Norte. E, regra geral, quando conduzo – exceto numa viagem anual às montanhas, sempre no verão –, nunca me afasto mais de alguns quilómetros de casa. Por isso, o meu porta-bagagem está vazio, embora me conforte um pouco saber que, mesmo que lá tivesse um hotel portátil, de nada me serviria. A ravina é gelada e íngreme e não conseguiria de maneira nenhuma chegar ao porta-bagagem, ainda que ele contivesse todas as riquezas de Tutancámon. Mesmo assim, não estou totalmente imprevisto para o que me aconteceu. Antes de partir, pus num saco um termos cheio de café, duas

sanduíches, ameixas e uma garrafa de água. Pousei o saco no banco do passageiro, ao lado da carta que tinha escrito, e embora o acidente tenha espalhado a comida por todo o lado, sinto-me confortado por saber que continua dentro do carro. Se tiver mesmo muita fome, vou tentar encontrá-la, mas não deixo de ter presente que comer e beber tem o seu preço. O que entra tem de sair, e ainda não descobri de que maneira poderá sair. O andarilho está no banco de trás, e a ravina atirar-me-ia para uma morte certa; com todas as mazelas com que fiquei, satisfazer necessidades naturais está fora de questão.

Quanto ao acidente... Se calhar até podia inventar uma história empolgante a respeito de gelo no pavimento ou descrever um condutor furioso e frustrado que me empurrou para fora da estrada, mas não foi assim que aconteceu. O que aconteceu foi o seguinte: estava escuro e começou a nevar, e depois a nevar ainda com mais força, e então, de repente, a estrada desapareceu. Presumo que entrei numa curva – digo *presumo* porque é óbvio que não vi curva nenhuma – e quando dei por mim tinha galgado a guarda lateral e estava a descer uma ribanceira íngreme. Agora estou aqui sentado, sozinho e no escuro, a perguntar a mim mesmo se alguma vez o Weather Channel fará um programa a meu respeito.

Já não vejo nada através do para-brisas. Apesar de as escovas guincharem num doloroso protesto, ponho o limpa-para-brisas a funcionar sem esperar grande coisa, mas passado um instante ele lá consegue afastar a neve, deixando uma fina película de gelo no seu lugar. Parece-me uma coisa espantosa, esta súbita manifestação de normalidade, mas, com alguma relutância, desligo o limpa-para-brisas e os faróis também, apesar de me ter esquecido de que estavam ligados. Lembro-me de que devo poupar ao máximo a bateria, para o caso de ter de usar a buzina.

Mudo um pouco de posição, e um raio sobe-me pelo braço até à clavícula. O mundo escurece. Agonia. Inspiro e expiro, à espera que a ferroada passe. Deus, por favor. Tenho de fazer um esforço enorme para não gritar, mas então, como que por milagre, a dor

desaparece. Respiro devagar, a tentar conter as lágrimas, e quando por fim a agonia acaba, sinto-me exausto. Era capaz de dormir para sempre e nunca mais acordar. Fecho os olhos. Estou cansado, tão cansado.

Estranhamente, dou por mim a pensar em Daniel McCallum e na tarde da visita. Penso na dádiva que ele deixou e, enquanto vou escorregando para o nada, pergunto a mim mesmo, sem grande interesse, quanto tempo passará até que alguém me encontre.

– Ira.

Ouçoo primeiro num sonho, distorcido e informe, um som subaquático. Demoro um momento a perceber que alguém está a dizer o meu nome. Mas não é possível.

– Tens de acordar, Ira.

Entreabro os olhos. No banco, a meu lado, vejo a Ruth, a minha mulher.

– Estou acordado – digo, com a cabeça ainda encostada ao volante. Sem os óculos, que se perderam no acidente, a imagem dela é indefinida, como um fantasma.

– Saíste da estrada.

Pisco os olhos.

– Foi um louco que me empurrou para a berma. Apanhei uma faixa de gelo. Se não fossem os meus reflexos de gato, teria sido muito pior.

– Saíste da estrada porque estás cego como uma toupeira e demasiado velho para conduzir. Quantas vezes já te disse que és um perigo ao volante?

– Nunca me disseste isso.

– Mas devia ter dito. Nem sequer viste a curva. – Faz uma pausa. – Estás a sangrar.

Levanto a cabeça e limpo a testa com a mão boa. Está suja de sangue. Há sangue no volante e no painel de instrumentos, salpicos vermelhos por todo o lado. Pergunto-me quanto sangue terei perdido.

– Eu sei.

– Tens o braço partido. E a clavícula também. E passa-se qualquer coisa com o teu ombro.

– Eu sei – repito. Cada vez que pisco os olhos, a Ruth aparece e desaparece.

– Tens de ir para o hospital.

– Concordo.

– Estou preocupada contigo.

Inspiro e expiro antes de responder. Inspirações e expirações, longas, profundas.

– Também eu estou preocupado comigo – acabo por dizer.

A minha mulher não está mesmo comigo no carro. Sei disso. Morreu há nove anos, no dia em que senti que a minha vida parou. Tinha-a chamado da sala de estar e, quando não respondeu, levantei-me da cadeira. Nessa altura conseguia andar sem o andarilho, ainda que devagar, e, quando cheguei ao quarto, vi-a caída no chão, perto da cama, deitada sobre o lado direito. Chamei uma ambulância e ajoelhei-me junto dela. Fi-la rolar até ficar estendida de costas e tateei-lhe o pescoço. Não senti nada. Encostei a boca à dela e soprei, como tinha visto na televisão. O peito dela subiu e desceu e eu continuei a soprar até que as orlas do mundo começaram a escurecer, mas não houve reação. Beije-lhe os lábios e as faces e mantive-a apertada contra o peito até que a ambulância chegou. Ruth, a minha mulher de havia mais de cinquenta e cinco anos, tinha morrido, e, num abrir e fechar de olhos, tudo o que eu tinha amado desaparecera também.

– Porque é que estás aqui? – pergunto.

– Mas que pergunta é essa? Por ti.

Claro.

– Durante quanto tempo é que dormi?

– Não sei. Mas está escuro. Acho que tens frio.

– Tenho sempre frio.

– Mas não assim.

– Pois – concordo. – Não assim.

– Porque é que estavas a conduzir nesta estrada? Aonde ias?  
Penso em mexer-me, mas a recordação do relâmpago de dor detém-me.

– Tu sabes.

– Sim – diz ela. – Ias a caminho de Black Mountain, onde passámos a lua de mel.

– Queria ir lá uma última vez. Amanhã é o nosso aniversário. Ela faz uma pausa antes de responder.

– Acho que estás a ficar gagá. Casámos em agosto, não em fevereiro.

– Não estou a falar desse aniversário. – Não quero dizer-lhe que, na opinião do médico, não durarei até agosto. – O nosso outro aniversário.

– De que estás tu a falar? Não há outro aniversário. Há só um.

– O dia em que a minha vida mudou para sempre – digo.  
– O dia em que te vi pela primeira vez.

Ela fica calada por um instante. Sabe que estou a ser sincero, mas, ao contrário de mim, tem dificuldade em dizer estas coisas. Amou-me apaixonadamente, mas eu sentia-o na expressão dela, no toque, no terno roçar dos lábios. E, quando eu mais precisei, amou-me também com a palavra escrita.

– Foi a seis de fevereiro de 1939 – digo. – Andavas a fazer compras na baixa com a tua mãe, a Elizabeth, e entraram na loja. A tua mãe queria comprar um chapéu para o teu pai.

Ela recosta-se no assento, os olhos fixos em mim.

– Saíste de uma porta ao fundo da loja – diz. – Instantes depois, a tua mãe seguiu-te.

Sim, de repente lembro-me. A minha mãe seguiu-me. A Ruth sempre teve uma memória excepcional.

Tal como a da minha mãe, a família da Ruth era de Viena, mas tinha imigrado para a Carolina do Norte apenas dois meses antes. Tinham fugido da Áustria depois do Anschluss, quando Hitler e os nazis anexaram o país ao Reich. O pai da Ruth, Jakob Pfeffer, professor de História da Arte, percebeu o que a ascensão de

Hitler significaria para os judeus e vendeu tudo o que tinham para conseguir dinheiro para os subornos que garantiriam a segurança e a liberdade da sua família. Depois de terem atravessado a fronteira com a Suíça, viajaram até Londres, e de lá para Nova Iorque, antes de chegarem a Greensboro. Um dos tios de Jakob tinha uma fábrica de móveis a poucos quarteirões de distância da loja do meu pai, e durante meses a Ruth e a família tinham vivido em duas acanhadas divisões no primeiro piso. Mais tarde, vim a saber que o omnipresente cheiro a verniz deixava a Ruth de tal maneira agoniada, que mal conseguia dormir.

– Fomos à loja porque sabíamos que a tua mãe falava alemão. Tinham-nos dito que ela podia ajudar-nos. – Abana tristemente a cabeça. – Tínhamos tantas saudades de casa, estávamos tão desejosas de conhecer alguém de lá.

Faço um gesto de assentimento com a cabeça. Pelo menos, julgo que faço.

– A minha mãe explicou tudo depois de vocês saírem. Teve de ser. Eu não percebi uma palavra do que tinham dito.

– Devias ter aprendido alemão com a tua mãe.

– Que diferença fez? Ainda tu não tinhas saído da loja e eu já sabia que um dia havíamos de casar. Tínhamos todo o tempo do mundo para falar.

– Dizes sempre isso, mas não é verdade. Mal olhaste para mim.

– Não fui capaz. Eras a rapariga mais bonita que eu alguma vez tinha visto. Era como tentar olhar para o sol.

– *Ach, Quatsch...* – bufá ela. – Eu não era bonita. Era uma criança.

– E eu mal fizera dezanove anos. E acabei por ter razão.

– Sim. – Um suspiro. – Tinhas razão.

Já tinha visto a Ruth e os pais, claro. Frequentavam a nossa sinagoga e sentavam-se lá para a frente, estranhos numa terra estranha. A minha mãe tinha-mos apontado depois do serviço religioso, enquanto os via passar, apressados e discretos.

Sempre adorei os nossos passeios de sábado de manhã, no regresso a casa depois da sinagoga, quando tinha a minha mãe só para mim. A nossa conversa saltitava de tema para tema, e não havia ninguém para a distrair. Podia falar-lhe de quaisquer problemas que tivesse ou fazer-lhe as perguntas que me passassem pela cabeça, mesmo aquelas que o meu pai teria considerado inúteis. Enquanto o meu pai oferecia conselhos, a minha mãe oferecia conforto e amor. O meu pai nunca nos acompanhava; preferia abrir a loja cedo, ao sábado, para aproveitar o negócio de fim de semana. A minha mãe compreendia. Naquela altura, até eu sabia o esforço que era preciso fazer para manter a loja aberta. A Depressão atingira Greensboro com toda a força, como em todo o lado, e por vezes passavam-se dias inteiros sem que entrasse um único cliente. Havia muita gente desempregada, e muita mais a passar fome. As pessoas faziam fila para um prato de sopa e um pedaço de pão. Muitos dos bancos locais tinham falido, levando na derrocada as poupanças das pessoas. O meu pai era do género de pôr dinheiro de parte em tempo de vacas gordas, mas em 1939 as coisas foram difíceis até para ele.

A minha mãe sempre trabalhara com o meu pai, ainda que raramente a atender os clientes. Na época, os homens – e a nossa clientela era quase exclusivamente constituída por homens – esperavam que fosse um homem a ajudá-los, tanto a escolher como a provar um fato. A minha mãe, no entanto, mantinha sempre aberta a porta do armazém, o que lhe permitia ver bem os clientes. A minha mãe, devo dizê-lo, era um génio na sua arte. O meu pai puxava e alisava e marcava o tecido nos lugares apropriados, mas à minha mãe bastava um olhar para saber no mesmo instante se era ou não preciso corrigir as marcações que ele tinha feito. Conseguia imaginar o cliente com o fato vestido e ver o traçado exato de cada prega ou costura. O meu pai sabia disso – e portanto colocava o espelho onde ela pudesse vê-lo. Alguns homens poderiam sentir-se ameaçados, mas o meu pai sentia-se orgulhoso. Uma das suas *Regras de Vida* era casar com uma mulher que fosse mais inteligente do que nós.

«Foi o que eu fiz», dizia-me, «e é o que tu deves fazer também. Afinal, porque é que há de ser só um a pensar?»

A minha mãe, tenho de o admitir, era na verdade mais inteligente do que o meu pai. Apesar de nunca ter dominado a arte da culinária – aliás, devia ter sido proibida de pôr os pés na cozinha –, falava quatro línguas e era capaz de citar Dostoievsky em russo; era uma dotada pianista de concerto e tinha frequentado a Universidade de Viena numa altura em que os estudantes do sexo feminino eram raros. O meu pai, em contrapartida, nunca chegara à universidade. Como eu, trabalhara na alfaiataria do pai desde criança, e era bom com números e com os clientes. E, como eu, tinha visto pela primeira vez a futura mulher na sinagoga, pouco depois de ter chegado a Greensboro.

Mas as semelhanças ficam por aqui, porque muitas vezes me perguntei se os meus pais eram felizes como casal. Seria fácil alegar que, na altura, os tempos eram outros, que as pessoas casavam menos por amor do que por razões práticas. Não estou a dizer que não eram perfeitos um para o outro de muitas maneiras. Eram bons companheiros e nunca os ouvi discutir. No entanto, perguntava-me com muita frequência se alguma vez tinham estado apaixonados. Durante todos os anos que vivi com eles, nunca os vi beijarem-se, nem eram o género de casal que se sentisse à vontade a andar de mão dada. À noite, o meu pai tratava da contabilidade sentado à mesa da cozinha, enquanto a minha mãe se sentava na sala com um livro aberto no regaço. Mais tarde, depois de os dois se terem reformado e eu ter tomado conta do negócio, ainda esperei que se aproximassem. Pensava que podiam viajar juntos, fazer cruzeiros ou ir visitar lugares interessantes, mas depois da primeira viagem a Jerusalém, o meu pai passou a ir sozinho. Instalaram-se cada um na sua vida e continuaram a afastar-se, a tornar-se outra vez estranhos. Quando chegaram aos oitentas, foi como se já tivessem esgotado tudo o que tinham para dizer um ao outro. Eram capazes de passar horas na mesma sala sem trocarem uma palavra. Quando eu e a Ruth os visitávamos, costumávamos estar primeiro

com um, e depois com o outro, e já no carro, de regresso a casa, a Ruth apertava-me a mão como que a prometer a si mesma que nunca havíamos de acabar assim.

A Ruth sempre se preocupou mais com a relação deles do que qualquer dos dois parecia preocupar-se. A impressão que dava era que nenhum dos meus pais estava disposto a fazer o mais pequeno esforço para transpor o fosso que os separava. Sentiam-se confortáveis nos respetivos mundos. À medida que envelheceram, enquanto o meu pai se tornou cada vez mais próximo da sua herança, a minha mãe desenvolveu uma paixão pela jardinagem e passava horas a podar flores no quintal das traseiras. O meu pai adorava ver velhos *westerns* e os telejornais, enquanto a minha mãe tinha os seus livros. E, claro, sempre se interessaram pelas obras de arte que eu e a Ruth colecionávamos. As obras de arte que acabariam por tornar-nos ricos.

– Só voltaste à loja passado muito tempo – digo à Ruth.

Lá fora, a neve voltou a cobrir o para-brisas e continua a cair. Segundo o Weather Channel, já devia ter parado, mas, não obstante as maravilhas da tecnologia moderna, a previsão do tempo continua a ser falível. É outra das razões por que acho o canal interessante.

– A minha mãe comprou o chapéu. Não tínhamos dinheiro para mais nada.

– Mas achaste que eu era jeitoso.

– Não, as tuas orelhas eram demasiado grandes. Gosto de orelhas delicadas.

A Ruth tem razão no que respeita às minhas orelhas. São grandes, destacam-se da cabeça como as do meu pai, mas, ao contrário do meu pai, eu tinha vergonha delas. Quando era rapaz, talvez oito ou nove anos, tirei um pedaço de tecido da loja, cortei-lhe uma tira e passei o resto do verão a dormir com aquela tira amarrada à volta da cabeça, na esperança de acabar com o tormento das orelhas de

abano. Se a minha mãe ignorava a fita quando, à noite, ia verificar se eu estava bem, por vezes ouvia o meu pai murmurar num tom quase ofendido: «Ele tem as minhas orelhas. O que é que as minhas orelhas têm de mal?»

Contei esta história à Ruth pouco depois de termos casado e ela riu. Desde então, por vezes brinca comigo por causa das orelhas, como está a fazer agora, mas, em todos os anos que passámos juntos, nem uma única vez o fez com maldade.

– Pensava que gostavas das minhas orelhas. Era o que dizias quando as beijavas.

– Gostava da tua cara. Tinhas uma cara bondosa. Infelizmente, vinha com essas orelhas. Nunca disse nada porque não queria magoar-te.

– Uma cara bondosa?

– Sim. Havia uma suavidade nos teus olhos, como se só visses o lado bom das pessoas. Reparei nisso, apesar de mal olhares para mim.

– Estava a tentar arranjar coragem para te perguntar se podia acompanhar-te a casa.

– Não – diz ela, a abanar a cabeça. Apesar de a imagem ser indistinta, a voz é juvenil, a voz da rapariga de dezasseis anos que conheci há tanto tempo. – Vi-te na sinagoga muitas vezes depois disso, e nunca perguntaste. Até esperei por ti uma ou outra vez, mas passavas sem uma palavra.

– Tu não falavas inglês.

– Por essa altura, já compreendia um pouco da língua e era capaz de dizer algumas palavras. Se tivesses perguntado, eu teria dito «Está bem, Ira. Podes acompanhar-me».

Disse estas últimas palavras com sotaque. Alemão de Viena, suave e musical. Cantante. Com o passar dos anos, o sotaque dela atenuou-se, mas nunca desapareceu por completo.

– Os teus pais não o teriam consentido.

– A minha mãe, sim. Gostava de ti. A tua mãe disse-lhe que um dia a loja seria tua.

– Eu sabia! Sempre desconfiei de que tinhas casado comigo por dinheiro.

– Que dinheiro? Tu não tinhas dinheiro. Se eu quisesse casar com um homem rico, teria casado com o David Epstein. O pai dele era dono da tecelagem e viviam numa mansão.

Também aquilo era uma das piadas correntes do nosso casamento. Embora a minha mãe tivesse dito a verdade, até ela sabia que o nosso género de negócio não enriquecia ninguém. Sempre foi um pequeno negócio, até ao dia em que finalmente vendi a loja e me reformei.

– Lembro-me de vos ver aos dois na geladaria do outro lado da rua. O David ia lá encontrar-se contigo quase todos os dias, no verão.

– Eu gostava de batidos de chocolate. Nunca os tinha provado.

– Eu tinha ciúmes.

– E tinhas razão para isso – diz ela. – Ele era rico e bonito e tinha umas orelhas perfeitas.

Sorriso, a desejar poder vê-la melhor. Mas a escuridão torna isso impossível.

– Durante algum tempo, pensei que vocês iam casar.

– Ele pediu-me mais do que uma vez, mas eu dizia-lhe que era demasiado nova, que ele teria de esperar até que eu acabasse a universidade. Mas mentia-lhe. A verdade era que já estava de olho em ti. Era por isso que insistia em ir sempre à geladaria perto da loja do teu pai.

Eu já sabia, claro. Mas gosto de ouvi-la dizê-lo.

– Ficava diante da montra, a olhar para ti enquanto estavas com ele.

– Vi-te várias vezes. – Sorri. – Uma vez até te acenei, mas nem assim tu me pediste para me acompanhar.

– O David era meu amigo.

É verdade, e foi verdade durante a maior parte das nossas vidas. Dávamo-nos socialmente com o David e a mulher, a Rachel, e a Ruth deu explicações a um dos filhos deles.

– Não teve nada a ver com amizade. Tinhas medo de mim. Sempre foste tímido.

– Deves estar a confundir-me com outra pessoa qualquer. Era um Don Juan, um conquistador, um jovem Frank Sinatra. Às vezes, tinha de me esconder das muitas mulheres que me perseguiram.

– Olhavas para os pés quando andavas e ficavas muito encarnado quando eu te acenava. E depois, em agosto, foste-te embora. Para a universidade.

Entre para a William & Mary, em Williamsburg, na Virgínia, e só voltei a casa em dezembro. Durante esse mês, vi a Ruth duas vezes, na sinagoga, ambas à distância, antes de voltar à universidade. Em maio, voltei, para as férias de verão, que passei a trabalhar na loja, e por essa altura a guerra assolava a Europa. Hitler tinha conquistado a Polónia e a Noruega, vencido a Bélgica e o Luxemburgo e a Holanda, e estava a fazer gato-sapato da França. Em todos os jornais, em todas as conversas, não se falava de outra coisa senão da guerra. Ninguém sabia se a América ia entrar no conflito, e o estado de espírito geral era sombrio. Semanas mais tarde, os franceses estavam definitivamente fora de combate.

– Ainda andavas com o David quando eu voltei.

– Mas também me tinha tornado amiga da tua mãe durante o ano em que estiveste fora. Quando o meu pai estava a trabalhar, eu e a minha mãe íamos à loja. Falávamos de Viena e das nossas antigas vidas. Tínhamos saudades, claro, mas eu também me sentia zangada. Não gostava da Carolina do Norte. Não gostava deste país. Não sentia que o meu lugar fosse aqui. Apesar da guerra, uma parte de mim queria voltar para casa. Queria ajudar a minha família. Estávamos muito preocupados com eles.

Vejo-a voltar-se para a janela e, no silêncio, sei que está a pensar nos avós, nas tias e tios, nos primos. Na véspera do dia em que a Ruth e os pais partiram para a Suíça, dúzias de membros da família tinham-se reunido para um jantar. Houve despedidas ansiosas e promessas de se manterem em contacto, e, apesar de

alguns familiares estarem entusiasmados por eles, a maior parte achava que o pai da Ruth não só estava a ter uma reação excessiva aos acontecimentos, como tinha de ser louco para largar tudo a troco de um futuro incerto. No entanto, dois ou três enfiaram na mão do pai da Ruth algumas moedas de ouro, e, durante as seis semanas que demorou a viagem até à Carolina do Norte, foram essas moedas que lhes garantiram um teto sobre a cabeça e comida no estômago. Com exceção da Ruth e dos pais, a família inteira ficou em Viena. No verão de 1940, todos eles usavam a estrela de David no braço e estavam proibidos de exercer as suas profissões. Nessa altura, já era demasiado tarde para fugir.

A minha mãe falou-me destas visitas da Ruth e das preocupações que as atormentavam. Também ela, como a Ruth, tinha família em Viena, mas, como tantos outros, não fazíamos ideia do que aí vinha nem das coisas horríveis que acabariam por acontecer. A Ruth não sabia, mas o pai dela percebera. Percebera quando ainda havia tempo para fugir. Foi, convenci-me disto mais tarde, o homem mais inteligente que alguma vez conheci.

– O teu pai fazia móveis, na altura?

– Sim. Nenhuma das universidades o contratava, de modo que fez o que tinha de fazer para nos alimentar. Mas foi duro para ele. Não tinha nascido para fazer móveis. Quando começou, chegava a casa exausto, com serradura no cabelo e ligaduras nas mãos, e adormecia sentado na cadeira assim que entrava. Mas nunca se queixava. Sabia que éramos os afortunados. Quando acordava, tomava um duche e vestia o fato para jantar: era a sua maneira de recordar a si mesmo o homem que em tempos fora. E tínhamos conversas muito animadas ao jantar. Ele perguntava-me o que tinha aprendido na escola naquele dia e ouvia com muita atenção as minhas respostas. E depois levava-me a pensar nas coisas sob perspetivas novas. «Porque é que achas que é assim?», perguntava, ou «Já consideraste esta possibilidade?» Eu sabia o que ele estava a fazer, claro. Uma vez professor, sempre professor, e ele era bom no seu trabalho. Foi por isso que pôde voltar a ser professor no fim da guerra.

Ensinou-me a pensar pela minha própria cabeça e a confiar nos meus instintos, como ensinava a todos os seus alunos.

Observo-a, e penso como é significativo o facto de também ela se ter tornado professora, e os meus pensamentos voltam mais uma vez a Daniel McCallum.

– E o teu pai ajudou-te a aprender tudo a respeito de arte.

– Sim – diz ela, com uma nota maliciosa na voz. – Também me ajudou nisso.